



VOZES E ESCUTAS: NOTAS NO TOM DA HISTÓRIA ORAL

Miquéias de Medeiros Bezerra¹

Resumo

Neste artigo, tenciona-se reflexão teórico-metodológica, notas em tom panorâmico, tangente a História Oral, abrangendo cinco aspectos concernentes às suas fontes. Pretende-se uma análise de fonte oral específica produzida e disponibilizada pelo Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense, qual seja: depoimento concedido em 2005 por Manoel Seabra Filho e Maria Santinha, ambos descendentes de camponeses negros nascidos no século XIX. Objetiva-se, a partir dessa fonte, tecer considerações sobre a relação entre memória individual e memória coletiva; a concepção/estruturação de tempo/temporalidades; a relação entre memória e esquecimento; as potencialidades de pesquisa; e as dificuldades apresentadas pelo registro da fonte oral.

Palavras-chave: História oral; escravidão; teoria e metodologia da história.

Abstract

In this article, theoretical-methodological reflection is intended, panoramic notes, tangent to Oral History, covering five aspects concerning their sources. It is intended an analysis of a specific oral source produced and made available by the Laboratory of Oral History and Image of the Universidade Federal Fluminense, namely: testimony granted in 2005 by Manoel Seabra Filho and Maria Santinha, both descendants of black peasants born in the 19th century. The objective, from this source, is to make considerations about the relationship between individual memory and collective memory; the conception/structuring of time/temporalities; the relationship between memory and forgetfulness; research potential; and the difficulties presented by the registration of the oral source.

Keywords: Oral history; slavery; theory and methodology of history.

Introdução

Inicialmente, uma primeira versão deste escrito foi elaborada a fim de ser apresentada à disciplina História Oral (semestre 2018.1), do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), como parte do processo avaliativo da primeira unidade de ensino e aprendizagem da referida disciplina.² O objetivo da avaliação era uma análise de entrevista cedida às historiadoras Hebe Maria da Costa Mattos

¹ Licenciado (2015), bacharelado e mestrando (em História & Espaços pelo Programa de Pós-Graduação em História - PPGH-UFRN) na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: miqueias.medeiros@yahoo.com.br. Artigo elaborado no âmbito da disciplina História Oral, do Departamento de História da UFRN, sob a orientação do prof. dr. Magno Francisco de Jesus Santos, em 2018.

² Explicita-se o contexto de escrita deste texto em razão de que em História, atualmente, é enfaticamente posto que “a história depende da posição social e institucional de quem escreve”. (PROST, 2014, p. 7).



Gomes de Castro e Martha Campos Abreu, por Manoel Seabra Filho (86 anos à época da entrevista em 2005) e Maria Santinha (82 anos à época da entrevista), ambos descendentes de camponeses negros nascidos no século XIX. A entrevista era do tipo história de vida, com duração de 01h02min (Fita 01.0011), realizada no dia 16 de maio de 2005. O depoimento fora capturado no Vale da Paraíba Ocidental, São José da Serra, Valença/RJ, integrando os esforços de trabalho do projeto Memória do Cativo e Identidade Étnica (1888-1940), iniciado em 1994.

Em razão de o áudio disponibilizado pelo sítio do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (LABHOI-UFF)³ se apresentar com um ruído intenso que se sobreponha a voz do entrevistado, dificultando substancialmente a compreensão e entendimento das falas, discurso e narrativa do depoente (o que dificultava, por sua vez, também a análise da entrevista), vi-me diante da necessidade de pesquisar na *World Wide Web* (WWW) a possibilidade de encontrar o mesmo depoimento devidamente tratado do ruído. Assim, a mesma entrevista oferecida pelo LABHOI foi encontrada disponibilizada na mídia digital e social *YouTube*, apresentada ao público em um formato de tipo vídeo (com imagem, movimento e áudio).⁴ A entrevista era exatamente a mesma referenciada acima.

A análise da entrevista⁵ deveria ser feita ponderando cinco questões relacionadas à História Oral,⁶ a saber: a relação entre memória individual e memória coletiva; a concepção/estruturação de tempo/temporalidades vigentes na narrativa da entrevista; a relação entre memória e esquecimento; as potencialidades de pesquisa a partir da fonte oral analisada; e as dificuldades apresentadas pelo registro da fonte oral. Desta feita, o presente escrito foi organizado de modo a considerar esses cinco pontos, respectivamente.

O texto foi organizado didaticamente em três momentos. O primeiro, sob a designação “Memória, tempo, esquecimento”, atenta-se para os três primeiros pontos dos cinco supracitados. No segundo, para os dois últimos, sob o título “Potencialidades de

³ Disponível em: <<http://www.labhoi.uff.br/arquivo-sonoro/item/3199>>. Acesso em: 11 abr. 2018.

⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P1DgfyI7D9A>>. Acesso em: 11 abr. 2018.

⁵ “Uma entrevista é uma relação social entre pessoas, com suas convenções próprias cuja violação pode destruí-la”. Não obstante, “Uma entrevista *não* é um diálogo, ou uma conversa. Tudo o que interessa é fazer o informante falar. Você deve manter-se o mais possível em segundo plano, apenas fazendo algum gesto de apoio, mas não introduzindo seus próprios comentários ou histórias”. (THOMPSON, 1992, p. 270-271, grifo do autor).

⁶ A História oral pode ser definida, sumariamente, como “uma metodologia histórica que trabalha com depoimentos orais, realizando entrevistas a partir das quais o historiador constrói suas análises”. (SILVA; SILVA, 2012, p. 276). Para uma discussão um pouco mais abrangente, *vide*: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Definindo história oral e memória. Cadernos CERU, n. 5, 1994, p. 52-60. FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). Usos e abusos da História oral. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006 [original 1996]. 304 p. THONSON, Alitair. Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria; ALBERTI, Verena (Org.) História oral: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, CPDOC, FGV, 2000, p. 47-66.



pesquisa e dificuldades da fonte oral”. Por fim, colocam-se algumas questões sobre a problemática da parcialidade/imparcialidade das fontes históricas (não somente as orais), por se tratarem todas elas de apresentarem, indelevelmente, as marcas da nossa humanidade.

1. Memória, tempo, esquecimento

A relação entre memória individual e memória coletiva. A discussão concernente à noção de memória é cara à chamada História Oral. Em alguns momentos, até se confunde com ela e com seus alicerces. Desde o nascedouro da História Oral, posteriormente a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a noção de memória inevitavelmente utilizada por ela tem provocado desconfortos, desconfianças, críticas e embates no âmbito da apropriação do passado pela História, principalmente no que tange a sua legitimidade e objetividade para fins de pesquisa histórica cientificamente orientada. Ao mesmo tempo, tem proporcionado uma profusão de projetos, pesquisas, artigos e livros que a abordam a partir de uma ótica histórica.⁷

Conforme o historiador francês Henry Rousso (1954-),⁸ “A memória, no sentido básico do termo, é a presença do passado”, “uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado”. (2006, p. 94). Na fonte, registro ou depoimento oral alvo de análise deste texto, o entrevistado fora incentivado a falar de memórias do seu avô, da sua avó e de seu pai, bem como de algumas de suas próprias memórias (01m51s), construídas a partir das lembranças de suas experiências passadas. Então, nos foi apresentado memórias de memórias (individuais e coletivas), o que poderíamos chamar de memórias imbricadas, que geralmente são as mais distantes no tempo em relação ao entrevistado e ao momento da entrevista, bem como memórias forjadas por lembranças de acontecimentos vivenciados pelo próprio entrevistado (principalmente quando o assunto era Jongo, Calango ou Mazuca, que também faziam referência a lembranças que remetiam aos âmbitos individuais e coletivos).

Essas memórias se mostravam individuais, porque diziam respeito a pessoas, agentes socioculturais e sujeitos históricos específicos, indivíduos relatando as lembranças de experiências que vivenciaram direta ou indiretamente. “Ainda que esta [a memória] seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais”. (PORTELLI, 1997, p. 16). Na entrevista, eram as memórias dos parentes sendo narradas pela memória do depoente. No

⁷ A esse respeito, *vide*: ALBERTI, Verena. Obras coletivas de história oral. Tempo - Revista do Depto. de História da UFF, Rio de Janeiro, v. 2, nº 3, p. 206-219, jun. 1997.

⁸ Sempre que possível, indica-se o período de vida do autor.



final, a única memória que tínhamos era a do depoente mesclada e plasmada com diversas outras.

As memórias também se mostravam coletivas em certa medida, pois tratavam de memórias grupais, comunais, de famílias, de um grupo étnico inserido em uma situação contextual semelhante para as pessoas que compunham determinada coletividade. Esses grupos elegeram para si elementos que representavam acontecimentos importantes para a coletividade, e que deveriam constituir uma memória coletiva. Por isso, ela era concernente à presença de “um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional”. (ROUSSO, 2006, p. 94). Nesse ponto, toda memória individual se mostra socialmente influenciada. (MATTOS, 2005, p. 46).

Essas memórias são alvos de interpretações/reinterpretações, significações/ressignificações, elaborações/reelaboraões; silêncios, silenciamentos, não-ditos; enquadramentos, interesses, disputas; conveniências, controle e justificativas; traumas e constrangimentos que as moldam e forjam, tanto no âmbito individual quanto no coletivo. Ou seja, as memórias não são/estão estáticas, porque elas não são o passado dado exatamente como aconteceu. Elas estão “vivas”, estão em movimento e passando por transformações e seleções amiúde.⁹

É possível que a grande potencialidade da memória individual e coletiva como fonte para o pesquisador em História Oral seja propriamente a de problematizar todas essas questões com vista a analisar as versões, vinculações, relações, representações e compreensões que elas constroem a respeito do passado (“representação autóctone de fatos passados”. (ROUSSO, 2006, p. 95)), assim como do presente dos acontecimentos históricos alvos de pesquisa do historiador (uma visão presente do presente), bem como também para compreensão da noção de identidade mesmo da comunidade e do indivíduo social, cultural, histórico, porque “O que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo”. (POLLAK, 1989, p. 10). Para o caso do projeto Memória do Cativo, a escravidão negra em solo brasileiro era referência dos acontecimentos históricos alvos da pesquisa histórica, e “o objeto de estudo do historiador é recuperado e recriado por intermédio da memória do informante”. (FERREIRA; AMADO, 2006, p. XV).

Um exemplo bem específico da compreensão e representação da memória do entrevistado Manoel Seabra Filho a respeito do passado, pode ser percebido no momento em que ele se refere ao ex-presidente do Brasil, Getúlio Vargas (que governou de 1930 a 1945 e 1951 a 1954), como “um deus que desceu do céu” (32m27s). A atuação política de Vargas foi apreciada de forma muito positiva e benquista para a vida e os interesses da coletividade a qual Seabra Filho estava vinculado, fator esse que interferiu diretamente na

⁹ O que não é o mesmo que declarar e afirmar rápida, categórica e automaticamente que memórias são de todo incompatíveis com a empiria da vida passada.



memória coletiva e individual em questão, pintando um contorno com tons idealistas no quadro de uma memória de Getúlio Vargas. Para os historiadores escritores do Dicionário de Conceitos Históricos, comentando o verbete Memória, “[...] se a História é uma construção que resgata o passado do ponto de vista social, é também um processo que encontra paralelos em cada indivíduo por meio da memória”. (SILVA; SILVA, 2012, p. 276). Por isso, penso, seja tão nevrálgico para vários historiadores da oralidade seguir um modelo de entrevista a partir da história de vida do depoente, analisando como ele visiona e recria o passado.

Por conseguinte, se a memória é essa presença do passado, logo, temporalidades haverão de ser elaboradas para ensejo de uma narrativa mnemônica (individual ou coletiva) e para construção de sentido, a partir da experiência de acontecimentos e eventos pretéritos que proporcionem graus substanciais de coesão à memória, “garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao ‘tempo que muda’, às rupturas que são o destino de toda vida humana”. (ROUSSO, 2006, p. 94, grifos do autor).

A concepção/estruturação de tempo/temporalidades vigentes na narrativa. O depoimento do entrevistado apresentou uma concepção geral de tempo marcada por períodos que remetiam a memória do próprio grupo. Ou seja, ao que fora de alguma forma vivenciado pela própria comunidade étnica, como por exemplo, o tempo do tráfico atlântico e do cativo, o tempo da abolição da escravatura no 13 de maio de 1888 (apresentado com um substancial atenção, respeito e temor quanto à figura do preto velho relacionada a esta data) e ao tempo da atuação política de Getúlio Vargas, conectada a uma noção de liberdade junto ao grupo. Dessa maneira, marcou-se o tempo em alusão a eventos passados que foram ponderados como significativos pela memória, a fim de se cruzar esses acontecidos com a história do grupo representado pelo depoente e, assim, contar um tempo, dizê-lo. Pois:

Quando narramos os acontecimentos passados, que são verdadeiros, nós os tiramos da memória. Mas não são os fatos em si, uma vez que são passados, e sim as palavras que exprimem as imagens que os próprios fatos, passando pelos sentidos, deixaram impressas no espírito. (AGOSTINHO, 1997, p. 347 [Livro XI 18, 23]).

Sendo assim, na narrativa do depoimento do entrevistado, a temporalidade estava estruturada no “presente dos fatos passados”, ou melhor: na “lembrança presente das coisas passadas”, uma vez que “o presente do passado é a memória”. (AGOSTINHO, 1997, p. 349 [Livro XI 20, 26]). Uma presença do passado no presente, via memória, incentivava reivindicação de interesses no presente, porque a memória (um passado) proporcionava uma visão presente diferenciada das coisas presentes, gerando expectativas presente de coisas futuras, “um ‘já’ que é, também, um ‘ainda não’ ” (AGAMBEN, 2009, p. 66), “um



tempo que pulsa dentro do tempo cronológico, que o trabalha e o transforma a partir de dentro”. (AGAMBEN, 2010, p. s/p).

Não se percebeu, à vista disso, uma estrutura temporal imposta externamente ao indivíduo e seu grupo social, que unicamente enquadrava e moldava temporalidades de sujeitos e coletividades, mas um diálogo de temporalidades (um presente do passado, um presente do presente e um presente do futuro) que construiu os períodos vigentes na narrativa do depoente a partir de apropriações dos acontecimentos citados acima. E nesse processo, não se pode esquecer, que “a produção de memórias coletivas, em geral, silencia sobre os conflitos que lhes são constitutivos” (MATTOS, 2005, p. 46), emudece tempos que não são ditos.

A relação entre memória e esquecimento. Essa relação aparece muito forte e clara no depoente quando se estava em questão às situações das lembranças do cativo, e até mesmo quanto ao contexto de pós-abolição, provavelmente por trazerem à tona conotações pesadas, duras e traumáticas de sofrimento. Mas de qualquer forma, “o silêncio tem razões bastante complexas”. (POLLAK, 1989, p. 6). Ao ser interpelado sobre o assunto, ele informava que histórias referentes a esses temas se contava apenas entre os mais velhos, de modo que ele não tinha acesso, por ser criança, quiçá por se “querer poupar os filhos de crescer na lembrança das feridas dos pais”. (POLLAK, 1989, p. 6). Seabra Filho desenvolveu essa questão relatando que os mais velhos não contavam as lembranças do cativo para as crianças “pra gente não ficar com medo”; “se eles estivessem contando uma história, a gente tinha que passar direto” (14m40s). Ainda chegou a narrar que ouvia (indiretamente) o pai (Manoel Seabra) contar sobre esse tempo, mas se permitiu na sua fala sobre essas problemáticas um silenciamento. O próprio procedimento coletivo dos adultos na família ou comunidade mais abrangente, evitando que as crianças ouvissem histórias sobre determinadas situações, indiciava algumas práticas silentes concernentes a tais assuntos, porque “existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombras, silêncios e ‘não-ditos’”. (POLLAK, 1989, p. 8).

Ora, assim como “lembramos das coisas de forma parcial, a partir de estímulos externos, e escolhemos lembranças” (SILVA, 2012, p. 275), seletivamente também esquecemos, silenciemos ou somos silenciados, seja por pessoas, traumas, constrangimentos ou desconfortos. Cabe ao pesquisador em história, com a devida ética,¹⁰ respeito e honestidade intelectual, problematizar esses não-ditos, lançando mão do aparato intelectual de sua área (sem desconsiderar a importância e utilidade da interdisciplinaridade).

¹⁰ Concernente à ética na prática da História Oral, um escrito com reflexões iniciais sobre o assunto está em PORTELLI, Alessandro. Tentado aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Projeto História, São Paulo, n. 15, p. 12-48, abr. 1997.



2. Potencialidades de pesquisa e dificuldades da fonte oral

As potencialidades de pesquisa histórica a partir da respectiva fonte oral. Tangente às potencialidades de pesquisa, gostaria de expor rapidamente cinco delas. Primeiro, há grandes possibilidades de contribuição para pesquisas em Etnomusicologia,¹¹ principalmente no que tange ao Jongo (Tambu ou Caxambu), Calango, Mazuca, enquanto expressões culturais de música e dança, vistas como memória do cativo e de suma importância para a coletividade abarcada na entrevista. Falas de Manoel Seabra Filho, no final do depoimento, são um indício da substancialidade dessas manifestações culturais, bem como aguçadoras e impulsionadoras de uma curiosidade para pesquisa:

A gente não sabia o valor que o tambor tem, né? Era o divertimento, né? Mas tambor tem muito..., né? A gente depois que já vem acompanhando que sabe a responsabilidade dele. A gente sabia que ele era responsável, depois, né? Mas levava pro divertimento ao ar livre, pronto. Mas isso tem valor, né? (55m14s).

A memória e prática das músicas e danças nos pareceram importantes elementos de coesão étnica do grupo. E “A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis”. (POLLAK, 1989, p. 9). O Jongo já era considerado importante dentro da comunidade, mas nos pareceu que passou a ter valor realçado a partir do contato dos pesquisadores com o depoente. Quiçá, uma abordagem do registro oral lançando mão do instrumental da História Oral e da História Social da Cultura possa contribuir muito em diálogo com a Etnomusicologia e Antropologia em uma pesquisa nesse ponto.

Segundo, considerando a pessoa do depoente Manoel Seabra Filho, outras potencialidades são mesmo uma História de uma trajetória de vida, um trabalho biográfico, um estudo de História das gerações. Como disse algures o historiador francês Jacques Le Goff (1924-2014), “Se o homem constrói sua vida, ele também é construído por ela”. Ou seja, há uma afetação recíproca de questionamentos, rupturas, continuidades que por vezes trazem à tona uma grande quantidade de incoerência, uma trama caótica e não-linear que pode se apresentar como um rico material para ser alvo das questões do historiador, de sua problematização e análise, sempre atento “A oposição cientificamente absurda entre

¹¹ Para uma apresentação e discussão introdutória a respeito da disciplina, *vide*: PINTO, Tiago de Oliveira. “Cem anos de etnomusicologia e a ‘era fonográfica da disciplina’ no Brasil”. In: II Encontro Nacional da ABET, 2004, Salvador: Anais ABET/CNPQ/CONTEXTO, 2005. TRAVASSOS, Elizabeth. Esboço de balanço da etnomusicologia no Brasil. OPUS - Revista da Associação Nacional de pesquisa e Pós-Graduação em Música, Campinas (SP), n. 9, p. 73-86, dez. 2003.



indivíduo e sociedade”, nos termos de Pierre Bourdieu (1930-2002), citado por Giovanni Levi (1939). (2006, p. 168).

Terceiro, há ainda a potencialidade de uma abordagem do material da entrevista no sentido de uma História dos povos “sem história”, de tradição oral, dos marginalizados e excluídos que não receberam tanta atenção da História disciplinar, mas que são enfoques privilegiados pelos estudos de História Oral desde os seus inícios, como analisa Michael Pollak (1948-1992):

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “memória oficial”, no caso a memória nacional. (1989, p. 4).

Contudo,

Não se trata, portanto, de uma história oral redentora ou salvadora que vem dar voz aos outrora excluídos, mas de uma perspectiva de estudo que considera as experiências contidas nessas histórias de vida objetos legítimos de análise. (LUCCHESI, 2014, p. 51).

Quarto, as questões que envolvem a disponibilização da fonte oral na Internet (como é o caso da entrevista que foi utilizada neste pequeno escrito) também são alvos de discussão com vista a sondar sua potencialidade, ou onde ela se mostra como portadora de inúmeras possibilidades de veiculação de dados e de pesquisa propriamente dita¹² em uma espécie de “ambiente colaborativo favorecido pela rede”. (LUCCHESI, 2014, p. 49). Então, em um tempo envolvido por som e imagem, a fonte oral se mostra importante para lidar com as questões do chamado tempo presente (História do tempo presente),¹³ sobre as quais historiadores são frequentemente interpelados. Mas também há dificuldades que já foram apontadas, como no enunciado provocativo de Harald Weinrich (1927): “armazenado, quer dizer, esquecido” (apud LUCCHESI, 2014, p. 41), aludido para discussão tangente à guarda de memórias em suportes digitais online.

Grosso modo, sobre esse quarto ponto, Alistair Thomson diz que:

¹² Pode-se pensar, inclusive, em maneiras diferenciadas para se apresentar a consubstanciação de estudos e pesquisas: “Acredito que por meio de uma abordagem de história oral esses modelos de coleções/percursos podem constituir interessantes possibilidades de divulgação histórica, que se desprendem do tradicional modelo monográfico e dissertativo (impresso, textual, linear) dominante na produção acadêmica”. (LUCCHESI, 2014, p. 49). “Será o formato livro o único destino de um bom trabalho historiográfico? Não será possível trazer novos suportes para a História, para além do ‘escrito’, como a *Visualidade* – incluindo a fotografia e o cinema – a *Materialidade*, convocando uma maior parceria entre historiadores, museólogos e arquitetos, ou como a *Virtualidade*, chamando mais intensamente à História os recursos da Informática?”. (BARROS, 2013, p. 37).

¹³ Para uma apresentação e discussão introdutória a respeito da História do tempo presente e suas relações com a História oral, *vide*: RÉMOND, René. Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução [Penser le temps présent – écrire l’histoire du temps présent]. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.). Usos e abusos da História oral. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006 [original 1996]. 304 p. p. 203-209. FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. Topoi. v. 3, n. 5, 2002, p. 314-332.



O texto, o som e a imagem das entrevistas de história oral poderiam ser, assim, utilizados em conjunto e postos à disposição de um vasto público. Mais ainda, entrevistas virtuais através da Internet - usando escrita ou som - começam a permitir uma alternativa bem distinta às entrevistas individuais gravadas, único recurso, praticamente, de que os historiadores orais dispuseram durante cinquenta anos: qualquer pessoa poderá "entrevistar" qualquer outra em qualquer parte do mundo (desde que entrevistador e entrevistado tenham acesso à tecnologia da rede). Se um dos objetivos originais da história oral foi dar às vozes silentes uma audiência pública, esta será então uma extraordinária e talvez inesperada apoteose. Abre, também, uma série complexa de questões jurídicas, políticas e éticas. (2000, p. 64).

Quinto, uma possibilidade diferenciada, didática e pedagógica, muito importante que a entrevista de alguma maneira propõe é o exercício de, literalmente, aprender a ouvir, escutar. É uma espécie de "pedagogia da História Oral". Por vezes, na ânsia de falar, analisar, criticar, problematizar, não se atenta para a voz do outro, e tropeça-se em uma crítica que parece mais um falar mal ou um elogio de exaltação. Mas criticar não consiste em falar mal ou em realizar um ato de louvor. Criticar é elucidar, esclarecer questões, fundamentos, pressupostos, premissas, princípios e analisá-los. Logo, tecer uma crítica adequada, que mereça ser considerada, demanda estudo cuidadoso, pesquisa honesta e ouvido apto e atento a ouvir.

O filósofo francês Luc Ferry (1951), em sua obra *Aprender a viver: filosofia para os novos tempos*, se expressa da seguinte maneira sobre o assunto similar:

[...] acredito que é preciso inicialmente compreender bem antes de criticar, e, sobretudo, porque é indispensável, antes de "pensar por si mesmo", ter a humildade de "pensar por intermédio dos outros", com eles, e graças a eles. (2012, p. 30-31).

"A arte essencial do historiador oral é a arte de ouvir". (PORTELLI, 1997, p. 22). Sem ouvir, ponderar, dialogar não há a possibilidade da construção de conhecimento que seja realmente relevante socialmente. Sem isso o que há é uma imposição e derivados.

Não obstante, junto às potencialidades, há também em sua esteira várias dificuldades que são oferecidas no manejo da fonte oral.

As dificuldades apresentadas pelo registro da fonte oral. Uma dificuldade muito perigosa no trato com o registro oral, e até latente, é a de se tomar o depoimento como o puro acontecimento, a história já pronta, acabada e dada, pura "história vinda de baixo" ou "história dos excluídos" em uma espécie de positivismo da fonte oral; o medo de não criticar e o perigo de abraçá-la cegamente, muito por causa do afã, elã e da paixão da função social histórica tradicional da História Oral, a de dar voz aos sem vozes.



Mas como fazer História sem crítica histórica da voz dos que não tinham voz? Como não tomar a voz como pura História dada? Uma indicação de resposta pode estar em que:

A entrevista em História Oral, distintamente de outras formas de coleta de depoimentos, deve estar sempre inserida num projeto de pesquisa e ser precedida de uma investigação aprofundada, baseando-se em um roteiro cuidadosamente elaborado. (FERREIRA; AMADO, 2006, p. XXIV).

Pondere-se também que “em determinado sentido, a crítica é a própria história e ela se afina à medida que a história se aprofunda e se amplia”. (PROST, 2014, p. 57). Essas podem ser algumas das primeiras medidas que o pesquisador pode tomar para possibilitar um ambiente de análise crítica da fonte oral, uma entrevista guiada analiticamente. Claro, isso é como uma faca de dois gumes, pois pode também cortar, silenciar, emudecer, matar informações importante da narrativa de um depoente, quiçá algumas que seriam crucias para pesquisa.

Mas a torturante questão que se colocava então e ainda se coloca para nós historiadores, quando tentamos ouvir as vozes do "povo", as vozes do "passado", é que estas nos chegam por escrito, censuradas de toda a teatralidade que os saberes orais implicam. Estas vozes nos chegam sem corpo, estas falas nos chegam sem gestos, estas narrativas nos chegam amputadas de rostos, de ritos, de sinais, de mímicas, de suores, de cheiros e toques. Estas vozes nos chegam traduzidas pelas instituições e pelos aparelhos de poder e de escrita. (ALBUQUERQUE Jr., 2007, p. 232).

Todavia, essa entrevista guiada analiticamente, pode favorecer ao tocar em questões nevrálgicas que talvez não fossem citadas naturalmente pelo narrador.

De qualquer modo, precisa-se estar atento ao fato de que “a entrevista é uma relação que se insere em práticas culturais particulares e que é informada por relações e sistemas de comunicação específicos” (THOMSON, 2000, p. 48), as quais o pesquisador deve estar atento ao empreender sua pesquisa e crítica histórica. Mesmo quando se tratar de memórias delicadas, dramáticas, traumáticas:

[...] a tarefa do especialista, após recebido o impacto, é se afastar, respirar fundo, e voltar a pensar. Com o devido respeito às pessoas envolvidas, à autenticidade de sua tristeza e à gravidade de seus motivos, nossa tarefa é interpretar criticamente todos os documentos e narrativas. (PORTELLI, 2006, p. 106).

Há também problemáticas decorrentes do fato de o historiador oral produzir a sua própria fonte, de ele estar muito próximo de seu objeto de pesquisa, ou de suas fontes de



pesquisa prejudicando a abstração científica.¹⁴ Apesar disso, penso que a própria compreensão histórica cientificamente orientada pode ser enriquecida, facilitada, aprofundada em razão da relação de proximidade do historiador com seu objeto. Contudo, esse empreendimento não deve ser levado a cabo acriticamente, porque é bem verdade que a proximidade com o objeto também pode ser um elemento prejudicial. Refletindo sobre esse dilema, o historiador francês Antoine Prost (1933-) diz que:

O conhecimento íntimo por compromisso pessoal é também um risco; ele permite que o historiador possa avançar, de forma mais rápida e mais profunda, na compreensão de seu tema, mas também pode ofuscar sua lucidez sob a turbulência dos afetos. (2014, p. 89).

Paradoxalmente, o fator que deve levar o pesquisador a guardar as devidas proporções de proximidade ou distanciamento é justamente a natureza do objeto de pesquisa, ou seja, a questão se apresenta com timbres de relatividade, o que pode ser exemplificado em dois casos expostos a seguir por dois pesquisadores de História Oral. No primeiro caso, Alistair Thomson discorre sobre a proximidade:

Em alguns contextos, uma identificação como membro do grupo (*insider*) pode ser pré-requisito para uma entrevista bem-sucedida. Belinda Bozzoli, historiadora e socióloga sul-africana, descobriu que as anciãs da aldeia de Phokeng sentiam-se mais confortáveis e se abriam mais quando entrevistadas por uma assistente de pesquisa, Mmantho Nkotshe, porque ela era "uma menina de Mabeskraal", a aldeia próxima". (2000, p. 49).

No segundo, Alessandro Portelli (1942-) fala sobre o distanciamento:

[...] uma das vantagens que tive em Kentucky foi a de não ser norte-americano, pois os habitantes locais contam, a alguém de um lugar exótico na Europa, do qual nem se quer ouviram falar, fatos que não confiariam a alguém de Chicago ou Nova York porque, nesses lugares, as pessoas são estereotipadas – e, em Roma, isso não acontece. (1997, p. 45).

Mas não somente a natureza do objeto de pesquisa deve determinar essa aproximação ou distanciamento. O método é fundamental para o trato com essa questão, pois, na verdade, “o recuo em história é fazer a história como profissional, a partir de documento e método crítico, e não de lembranças”. (PROST, 2014, p. 90).

Em qualquer caso, “por referir-se ao passado, a história é, por isso mesmo, conhecimento através de vestígios”. (PROST, 2014, p. 64). Portanto, não se tem acesso

¹⁴ “O documento oral é o único documento que o historiador constrói. Ele, em geral, frequenta arquivos os mais diversos, que abrigam corpos documentais produzidos e reunidos por outras pessoas, em outros tempos. A história oral, pelo contrário, é uma intervenção direta do historiador na produção documental. Por isto, há uma série de cuidados que precisam ser tomados. Cuidados teóricos e metodológicos. Cuidados que garantirão a qualidade e a credibilidade do documento produzido”. (DE SORDI, 2007, p. 8-9).



completo à informação, estabeleça-se uma relação próxima ou distante, de modo que sempre estaremos envolvidos por “alguma nuvenzinha de ignorância”,¹⁵ “correndo atrás dos vestígios de uma realidade desaparecida”. (LÉVI-STRAUSS, 2004, p. 40). E quanto a esses vestígios, cabe ao historiador lidar com honestidade intelectual, metodológica e teórica, primando por “ênfatar a disciplina, a higiene intelectual, as exigências de probidade”. (RÉMOND, 2006, p. 206).

Concluindo: vozes, escutas e fontes históricas

Independentemente da fonte histórica, em tudo aquilo que pousamos as mãos, deixamos as nossas marcas, traços e resquícios, por mais cautelosos que sejamos nós. Por onde quer que passemos indo, vindo e arrodando caminhos; cruzando e descruzando fronteiras; caminhando e descaminhando vales, montanhas e sertões de dia e de noite; desbravando aventuras e desventuras oníricas, utópicas e distopias, deixamos nossas pegadas, rastros, trilhas e ruínas, calcando o espaço-tempo com o que somos nós. Em tudo que fabricamos, produzimos, confeccionamos, construímos e desconstruímos, deixamos o feito de nossa feitura. Paradoxalmente, mais uma vez, é justamente em nossas marcas e pegadas, em nossos rastros e trilhas, vestígios e evidências que se pode enxergar a possibilidade e a impossibilidade da História, da História oral, da História da memória e da historicidade dos depoimentos, registros e das memórias; a sua vida e morte, sua oportunidade e impertinência, sua glória e inglória.

No diverso mundo dos seres humanos, é forçoso não se atinar aos resquícios e vestígios indíciosos, para elucidação ou emaranhamento, das compleições de tudo aquilo que se faz debaixo do sol, onde quer que se olhe à sua luz radiante. Até mesmo a ausência de vestígios pode ser um indício presente de um silêncio notável ou de um silenciamento parcial acintoso. As próprias fontes, registros, vestígios e evidências tão caras aos historiadores, que estes usam para possibilitar a feitura e dar lastro à História que fabricam, de modo a apresentar um trabalho convincente a todos aqueles que sobre o labor intelectual do profissional em História se debruçam, estão eivadas de nuances daqueles que as trouxeram a existência (seja a fonte oral, escrita, arqueológica, pintada, esculpida, imagética, fílmica), ao que o pesquisador precisa estar atento. Porque, por isso mesmo, é possível a elas serem fontes ao *métier* em História.

A História mesma que os historiadores engendram, a partir de investigações curiosas e teórico-metodologicamente questionadoras das fontes que lançam mão, está, por sua vez, imbricada e amalgamada por uma gama de entrecores e entretons que se disseminam e se misturam à textura da consubstanciação do trabalho historiográfico. Porque “não existe

¹⁵ Imagem atribuída ao teólogo francês Jean Calvin (1509-1564).



outra máquina de voltar no tempo senão a que funciona em nosso cérebro, com materiais fornecidos por gerações passadas”. (BLOCH, 2001, p. 74). Às vezes, esses influxos, confluxos e colusões são quase que imperceptíveis, mesmo a um olhar observador atento, ou podem ser muito bem solidamente visíveis, mesmo a um olhar desajeitadamente vacilante.

A História é do mundo dos seres humanos. É imanente a estes. Por definição, ela tem por objeto e fonte tudo aquilo que foi alvo da ação humana cronológica e espacialmente. Isso é uma verdade para as vozes e escutas da fonte oral (sem desconsiderarmos suas peculiaridades) como o é para qualquer outra fonte dita histórica. Contudo, o que está sendo dito não tenciona autorização para irmos de um polo ao outro e dizermos tudo ou qualquer coisa sobre o passado, forçando fontes históricas ao anacronismo ignorante, desatento ou conveniente¹⁶.

Ademais, ampliando a “jurisdição” do debate, algumas dessas questões são colocadas até mesmo no âmbito de todas as outras ciências, para além das chamadas humanas, pois os limites e enganos da mente e do pensamento humano, “limites da liberdade e da racionalidade humanas” (LEVI, 2006, p. 168); a mister importância das dúvidas e questões; a utopia da neutralidade absoluta¹⁷ bem como da absoluta relatividade e das pesquisas a partir do zero;¹⁸ o livre-pensar balizado por métodos, teorias, conceitos, argumentos de autoridade, literatura de área, caixas dentro de caixas; a representação simplificada da empiria e realidade aspirada pela ciência (para citar apenas algumas problemáticas) tocam todos que almejam tomar ciência das vozes, tons, semitons, dissonâncias e harmonias que há no cosmos, no caos ou no sublunar, a fim de escutá-las e compreendê-las, ou significa-las, formando melodias, acordes, consonâncias, enarmonias e andamentos vários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009 [original 2008]. 92 p.

¹⁶ Uma importante discussão sobre o anacronismo comum à História (sobretudo da arte) pode ser encontrada em DIDI-HUBERMAN, Georges. A história da arte como disciplina anacrônica. In: _____. Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens. Tradução Vera Casa Nova; Márcia Arbex. Belo Horizonte: EdUFMG, 2015 [original 2000]. 328 p. p. 15-68.

¹⁷ Importante discussão sobre o assunto pode ser lida em DOOYEWEERD, Herman. No crepúsculo do pensamento ocidental: estudos sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico. Tradução Guilherme de Carvalho e Rodolfo Amorim de Souza. Brasília, DF: Monergismo, 2018 [original 1960]. 276 p.

¹⁸ Pois “somos anões olhando por sobre os ombros de gigantes do passado”. Imagem às vezes atribuída ao teólogo Pierre de Blois (1135-1203), às vezes ao monge Bernardo de Chartres (1070-1130).



_____. **Cristianismo como religião**: vocação messiânica. Tradução Moisés Sbardelotto. 2010. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/174-noticias/noticias-2010/567993-cristianismo-como-religiao-a-vocacao-messianica-artigo-de-giorgio-agamben>. Acesso em: 02 de ago. 2019.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1997 [original 397-400]. 464 p.

ALBERTI, Verena. Obras coletivas de história oral. **Tempo** - Revista do Depto. de História da UFF, Rio de Janeiro, v. 2, nº 3, p. 206-219, jun. 1997.

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. As dobras do dizer: da (im)possibilidade da história oral. **Historia**: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007. 256 p. p. 229-234. (Coleção História).

BARROS, José D'Assunção. **A expansão da História**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 238 p.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001 [original 1949]. 160 p.

DIDI-HUBERMAN, Georges. A história da arte como disciplina anacrônica. In:_____. **Diante do tempo**: história da arte e anacronismo das imagens. Tradução Vera Casa Nova; Márcia Arbex. Belo Horizonte: EdUFMG, 2015 [original 2000]. 328 p. p. 15-68.

DOOYEWEERD, Herman. **No crepúsculo do pensamento ocidental**: estudos sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico. Tradução Guilherme de Carvalho e Rodolfo Amorim de Souza. Brasília, DF: Monergismo, 2018 [original 1960]. 276 p.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da História oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006 [original 1996]. 304 p.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **Topoi**. V. 3, n. 5, 2002, p. 314-332.

FERRY, Luc. **Aprender a viver**: filosofia para os novos tempos. Tradução Vera Lucia dos Reis. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012 [original 2006]. 176 p.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A busca do poder. In:_____. **Tristes trópicos**. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2004 [original 1955]. p. 34-41.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da História oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006 [original 1996]. p. 167-182.

LUCCHESI, Anita. Conversas na antessala da academia: o presente, a oralidade e a história pública digital. **História Oral**, v. 17, n. 1, p. 39-69, jan./jun. 2014.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Definindo história oral e memória, **Cadernos CERU**, n. 5, 1994, p. 52-60.

MATTOS, Hebe Maria. Memórias do cativo: narrativa e etnotexto. **História Oral**, v. 8, n. 1, p. 43-60, jan./jun. 2005.



PINTO, Tiago de Oliveira. "Cem anos de etnomusicologia e a 'era fonográfica da disciplina' no Brasil". In: **II Encontro Nacional da ABET**, 2004, Salvador: Anais ABET/CNPQ/CONTEXTO, 2005.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. Tradução Dora Fraksman. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. Tentado aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História**, São Paulo, n. 15, p. 12-48, abr. 1997.

_____. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da História oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006 [original 1996]. p. 103-130.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014 [original 1996]. 288 p.

RÉMOND, René. Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução [Penser le temps présent – écrire l'histoire du temps présent]. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da História oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006 [original 1996]. 304 p. p. 203-209.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da História oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006 [original 1996]. p. 93-102.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012 [original 2005]. 440 p.

DE SORDI, Neide Alves Dias. **Manual de Procedimentos do Programa de História Oral da Justiça Federal**. Brasília: Conselho de Justiça Federal, 2007.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 385 p.

THOMSON, Alistair. Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria; ALBERTI, Verena (Orgs.) **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fiocruz, CPDOC, FGV, 2000. p. 47-65.

TRAVASSOS, Elizabeth. Esboço de balanço da etnomusicologia no Brasil. **OPUS** - Revista da Associação Nacional de pesquisa e Pós-Graduação em Música, Campinas (SP), n. 9, p. 73-86, dez. 2003.